

CARPE DIEM: Revista Cultural e Científica da FACEX, v. 9, n. 9 (2011)
ISSN 2237-8685

FORMAÇÃO DA IDENTIDADE: UMA PERSPECTIVA DE ARTICULAÇÃO COM O TRABALHO NA ADOLESCÊNCIA

Patricia Elizabeth Sanz Alvarez¹, Jaidê Barros Dias², Heloisa Leite Araújo³, Anne Karoline Pereira⁴, Elaine Munic Ferreira⁵, Camilla Bandeira Santos⁶

RESUMO: O presente artigo propõe refletir sobre o processo de construção da identidade de adolescentes inseridos no mercado de trabalho, através do “Programa Jovem Aprendiz”. Problematiza as implicações do programa identificando a realidade social dos participantes e investigando a motivação de entrar precocemente no sistema produtivo. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas com seis adolescentes. A análise do discurso realizou-se a partir do referencial teórico da Psicologia Sócio-Histórica. Compreende-se a construção da identidade por meio de uma consciência marcada pelos valores e ideologias do sistema capitalista, emergindo ideias de consumo, anseios profissionais e sonhos de melhor qualidade de vida. Constatam-se contradições no Programa Jovem Aprendiz que surge como alternativa de capacitação dos jovens para ingressar no mercado de trabalho, embora promova o fortalecimento da estratificação social. O ingresso ao mundo do trabalho reforça a formação da identidade individual dos jovens e os inclui na categoria identitária de trabalhadores.

Palavras-chave: Programa Jovem Aprendiz. Identidade. Trabalho. Adolescentes.

IDENTITY FORMATION: A PERSPECTIVE OF RELATIONSHIP TO WORK IN ADOLESCENCE.

ABSTRACT: This article proposes a reflection on the process of identity development in adolescents inserted in the job market through the “Young Apprentice Program”. It brings light to the implications of the program, identifying the social reality in which the participants are involved, and investigating their motivation to precociously enter the productive system. Semi-structured interviews with six adolescents were carried out, and the discourse analysis was conducted on the theoretical framework of the Socio-Historical Psychology. The construction of the identity is comprehended through consciousness marked by values and ideologies of capitalism, raising consumption ideas, professional aspirations and dreams of a better quality of life. There are contradictions in the “Young Apprentice Program”, which appears as an alternative to enable youngsters entering the job market, though it promotes the strengthening of social stratification. Entering the world of job reinforces the formation of individual identity and includes young people in the category of workers.

Keywords: Young Apprentice Program. Identity. Work. Young People.

¹ Graduanda do curso de Psicologia da FACEX e Especializanda em Saúde Mental no contexto multidisciplinar. Contato: patriciaesanz@hotmail.com

² Psicóloga e professora da Facex. Contato: jaide@facex.net.br

³ Graduanda em Psicologia pela Facex. Contato: helozinha.psi@hotmail.com

⁴ Graduanda em Psicologia Facex. Contato: karolzynharn@hotmail.com

⁵ Graduanda em Psicologia Facex. Contato: elainemunic@hotmail.com

⁶ Graduanda em Psicologia Facex. Contato: myname_camilla@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta reflexões das autoras sobre o processo de construção da identidade de adolescentes inseridos no mercado de trabalho formal, especialmente do programa “Jovem Aprendiz”. Procura-se identificar a realidade social na qual estes jovens estão inseridos e os motivos que os levaram a entrar precocemente no mercado de trabalho formal.

No intuito de não analisar o objeto de estudo a partir do olhar positivista de ciência, pelo contrário, sentindo a necessidade de compreender os adolescentes em sua totalidade, as autoras procuram os pressupostos teóricos metodológicos da Psicologia Sócio-Histórica. Para tanto, será considerada a adolescência à luz dessa abordagem e seus conceitos, levando à compreensão acerca de identidade, o que vislumbra o objetivo geral.

A Psicologia Sócio-Histórica, parte dos princípios da Psicologia Histórico-Cultural de Vigotsky e apresenta uma visão crítica à Psicologia Social tradicional. Esta última, de origem americana, apoia-se em um modelo positivista e dualista, que procura estabelecer leis gerais a respeito das manifestações dos comportamentos humanos, que suscitam a partir da inter-relação entre as pessoas e cujos interesses são científicos e visam prever esses comportamentos. Para a Psicologia Social há um hiato entre homem e sociedade, que apesar de se relacionarem, podem existir de forma independente (RODRIGUES, 2005).

No entanto, a Psicologia Sócio-Histórica, não adere a esse postulado, porque entende que homem e sociedade se constituem concomitantemente. Assim, o homem determina à sociedade da mesma forma que é determinado por ela. É uma visão, que pretende conhecer o indivíduo no conjunto das suas relações sociais, tanto em suas peculiaridades, quanto no que aparece como manifestação dos interesses grupais. Uma vez que entende que o sujeito somente pode ser compreendido dentro do contexto social e histórico no qual se desenvolve, e outorga especial ênfase na influência que as instituições sociais exercem sobre os indivíduos, já que as instituições transmitem valores simbólicos e atribuem papéis sociais que dão sentido ao mundo dos indivíduos (BOCK; GONÇALVES; FURTADO, 2007).

A Abordagem Sócio-Histórica apresenta três categorias de análise que resultam fundamentais para compreender a constituição do psiquismo humano. São elas: atividade, consciência e identidade. Abraça a filosofia, a teoria e o método do materialismo dialético, que concebe o homem como ativo, social e histórico. Interpreta que os homens, através do trabalho, produzem sua vida material, ou seja, a sociedade. Já que, as representações da realidade se apoiam nas ideias dos homens e as contradições delas expressam-se na realidade material. O fazer humano constitui a história por meio de um movimento contraditório constante, nesse sentido, pode ser compreendida a produção de ideias, de conhecimento (BOCK et al, 2007).

No tocante as categorias apresentadas como fundamentais, as mesmas são elucidadas a seguir para uma melhor compreensão da temática. Em primeiro lugar apresenta-se a categoria

Consciência, entendida como produto da forma de pensar, de sentir e de agir do homem, em virtude do apontado por Bock et al (2007, p.96) de que o fenômeno psicológico é considerado como a “atividade do homem de registrar a experiência e a relação que mantém com o ambiente sociocultural”.

Em segundo lugar, a categoria atividade segundo Bock et al (2007) é vista como todo e qualquer tipo de relação, interação, atuação e interferência que o homem mantém com seu mundo sociocultural, que o leva a construir seus registros psicológicos, ou seja, a consciência. Sendo esta um processo que vai transformando o social em psicológico, resultando em pensamentos, sentimentos e ações e, não podendo ser reduzida a processos internos, já que, somente pode ser compreendida a partir do meio ideológico e social (BAKHTIN, 1981).

Ou seja, consciência e atividade são entendidas aqui como categorias de análises que permitem colocar em palavras a relação que se estabelece entre o homem e o mundo e a partir do qual, se constitui o fenômeno psicológico.

Bock (2004) discute sobre a relação do *fenômeno psicológico* com o meio sociocultural expressando que é necessário que a psicologia inclua esses aspectos, em suas considerações sobre *identidade*. Compreendendo identidade como um processo, Jacques (2007) orientou que se deve pensar primeiramente, em como essa identidade é construída no indivíduo, a partir da interiorização dos papéis, atitudes e valores daquelas pessoas que se encarregam da sua socialização, ou seja, que representam um papel significativo nas suas vidas. Fonseca (2003) acrescentou que não sendo restringida essa responsabilidade aos pais, para que essa interiorização ocorra, é preciso que haja uma identificação da criança com essas pessoas, acontecendo em um contexto marcado pelas representações afetivas, possibilitando a partir da relação com os outros, o reconhecimento de si.

Em relação à adolescência apresentam-se a continuação postulados da Psicologia Sócio-Histórica. Partindo das ideias e concepções socioculturais de Leontiev (1978 apud BOCK, 2004), nas quais o autor não reconhece a adolescência como uma etapa natural do desenvolvimento, Bock (2004, p.39) fundamentou-se para apontar sobre um novo conceito para a adolescência, sendo: uma construção social que tem suas repercussões na subjetividade e no desenvolvimento do homem [...]; é um momento significado, interpretado e construído pelos homens. Estão associadas a ela marcas do desenvolvimento do corpo. Essas marcas constituem também a adolescência como fenômeno social, mas o fato de existirem como marcas do corpo não deve fazer da adolescência um fato natural.

A autora afirma que o adolescente não é adolescente por natureza. Existe como agente social portador de características interpretadas nas relações sociais, o que lhe dá sustentação para sua construção pessoal. Construídas as significações sociais, o adolescente tem então a referência para a construção de sua identidade e os elementos para a conversão do social em individual.

Em suma, para a abordagem Sócio-Histórica responder o que é adolescência implica compreender sua gênese histórica e seu desenvolvimento na sociedade; ela não pergunta o que é adolescência, mas, como se constitui social e historicamente este período do desenvolvimento (Bock, 2004).

Visando compreender aspectos relacionados ao processo de construção de identidade como foi expresso anteriormente, parte-se do pressuposto de que, a identidade é construída de forma processual, fundamentados no referencial teórico de Mead (1982) que, ocupado na tradição do interacionismo simbólico, foi pioneiro em estudar a identidade na Psicologia Social. O autor diferenciou os conceitos de indivíduo e pessoa a partir da compreensão da consciência de si. Essa compreensão de si, não pode ser imaginada senão através da interação social, que associado a outros fatores, permite que o organismo se torne pessoa.

Até o momento em que surge a consciência de si, o indivíduo experimenta as sensações do seu corpo e seus sentimentos, como parte imediata do seu meio e não como separado, individual e próprio, ou seja, como consciência de si. Mead (1982) tentou explicar, que uma vez que a consciência de si aparece, a pessoa está em condições de reconhecer as experiências vividas, e dessa forma, se apropriar dessa experiência. Para se apropriar dessa herança de experiência é indispensável que ocorra seu desenvolvimento, dentro do contexto social (FONSECA, 2003).

Adverte-se que um dos aspectos da teoria de Mead (1982) mais interessante no estudo da identidade, é a defesa da preexistência de uma vida social que marca a formação da consciência de si. Dessa forma, outorga-se como importância fundamental à prevalência da historicidade, no processo de formação da identidade (FONSECA, 2003).

No intuito de articular aspectos apresentados anteriormente sobre a identidade e seu processo de construção procuram-se teorizações referentes ao trabalho. Pelo fato do trabalho ser exclusivamente humano, converte-se em uma categoria, que outorga a qualificação de humano, àqueles que o desenvolvem, já que, entende que a natureza humana é constituída a partir da inserção no mundo das relações sociais (MARX, 1989).

Essa natureza humana é a que, segundo Jacques (1997), fundamenta a articulação entre trabalho e identidade. Pelo fato de que o mundo concreto do trabalho se apresenta como um lugar ideal para representar a mediação do outro, um lugar de convivência e interação. Para esta autora, “a identidade do trabalhador se constitui precocemente através da identificação com modelos adultos e/ou pela inserção concreta no mundo do trabalho”(JACQUES, 1997, p.23).

Jacques (1997) acrescentou que a impossibilidade de se adequar ao modelo imposto pela sociedade contemporânea, a falta de inserção em suas organizações e outras formas relacionais, representa sofrimento e refletem diretamente na qualidade de vida das pessoas. Em virtude de que tanto o desemprego, a aposentadoria, a inatividade de modo geral revelam

uma associação ao sofrimento e a doença. Justifica-se novamente, a partir desses pressupostos, a possibilidade de articulação entre identidade e trabalho.

Nesse sentido, e procurando refletir sobre a formação da identidade de adolescentes inseridos no mercado de trabalho formal, apresenta-se o Programa Jovem Aprendiz. A proposta visa inserir no primeiro emprego, jovens de 14 a 24 anos incompletos, que estejam cursando o ensino regular. A lei que regulamenta esse programa, denominada ‘Lei do Menor Aprendiz’, é a Lei Federal 10.097 (2000), que revogou e substituiu o Decreto Lei 5.452, de 1943. Essa legislação trouxe modificações, como a idade limite de ingresso, que foi elevada de 12 para 14 anos e, para o jovem aprendiz foram garantidos todos os direitos trabalhistas. A remuneração fixou-se em salário mínimo hora, o ensino fundamental completo passou a ser exigido e estabeleceu-se um contrato de trabalho, com no mínimo 1 ano e no máximo 2 anos de duração (BUIAR; GARCIA, 2008).

Nova modificação ocorreu por meio do Decreto Lei 5.598/2005, passando a ser denominada “Lei do Jovem Aprendiz”. Modificação esta que, além de mudar a denominação da lei, alterou a idade máxima estabelecida anteriormente, que passou de 18 para 24 anos de idade (BUIAR; GARCIA, 2008).

A remuneração mínima do aprendiz tem como referência o salário mínimo/hora. O prazo de duração do contrato de aprendizagem pode variar de um a dois anos. E esses adolescentes devem estar recebendo, ao mesmo tempo, formação técnica profissionalizante, por meio de um curso teórico na profissão a qual se esteja capacitando.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este trabalho compreende enquanto objeto de estudo, adolescentes inseridos no mercado de trabalho formal, por meio do Programa de instância federal, Jovem Aprendiz, em uma empresa de grande porte do município de Natal/RN. Foi solicitada autorização ao Diretor da empresa através da qual foi possível o acesso, bem como a explanação para os jovens do propósito final do trabalho. Seis dos adolescentes contratados através do programa, entre 14 e 17 anos, se interessaram a participar e foram realizadas entrevistas semiestruturadas individualmente em seus locais de trabalho. Posteriormente, o discurso dos entrevistados foi analisado de acordo com as categorias de análise do referencial teórico escolhido.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Considerou-se o que os adolescentes trabalhadores fazem e pensam a respeito das atividades desenvolvidas, tanto no nível subjetivo como objetivo, uma vez que, esses dois pontos - objetividade e subjetividade - não podem ser analisados separadamente, já que são constituídos em uma relação dialética.

Nos parágrafos seguintes, apresenta-se o discurso dos adolescentes entrevistados, seguindo a sistemática de perguntas, respostas e análise⁷:

- O que lhe motivou a querer trabalhar tão cedo?

“Assim... Porque eu queria ser independente, mas também para ajudar a minha mãe. Por isso sempre quis trabalhar. Sempre é bom trabalhar, conseguir os objetivos da gente” (J. 16 anos).

“A vontade de trabalhar. Porque é ruim você ficar em casa sem fazer nada, muitas coisas assim... também a ajuda em dinheiro, não gosto de estar sem fazer nada, sou muito ativa. Ai eu falei com a minha mãe, ela disse que eu podia vir, ai eu fui, me inscrevi, consegui e estou trabalhando” (C. 14 anos).

A partir das falas citadas, percebe-se como as ideias e fazeres referentes ao trabalho e ao que ele pode possibilitar, relacionam-se na construção da identidade dos jovens inseridos no mercado de trabalho formal. Que se faz pensar a consciência que eles têm sobre uma diversidade de conceitos, dentre os quais, emergem o trabalho pelo fato de estar delineando ativamente a atuação dos jovens, bem como, a busca por novos meios de profissionalização, adequados às necessidades do mundo contemporâneo. Percebe-se que os pensamentos e ações, ou seja, a consciência e a atividade dos jovens perpassam pela ideologia predominante e própria do sistema capitalista (BOCK et al., 2007).

Sistema que, incisivamente, ascende no indivíduo à necessidade de responder às demandas de qualificação para não ficar à margem da sociedade, excluído, pela predominância de princípios e ideologias capitalistas que pregam, desde sua gênese, ideais de acúmulo de riquezas por meio de uma troca comercial, ou seja, dispositivos excludentes que reconhecem a força de trabalho como moeda de troca, atendendo, primeiramente, a demanda do capital materializado no ideal de consumo. Nos discursos seguintes percebe-se tal pontuação:

- Como você administra seu dinheiro?

“Eu estou pagando um celular que eu comprei e o resto, dou pra ajudar minha família” (C. 14 anos).

“O dinheiro que eu recebo eu dou para minha mãe. Porque ela administra melhor sabe. Ela paga minha manutenção [do aparelho ortodôntico] e se preciso alguma roupa ela compra” (J. 16 anos).

- E você acha que esse valor lhe satisfaz?

⁷A transcrição das entrevistas foi feita de forma fidedigna às falas dos sujeitos. Portanto, as marcas de oralidade foram preservadas no decorrer do texto.

“Sabe?... para quem não estava recebendo nada...” (J. 16 anos).

O significado convencional de crescer e ser adulto proporciona uma representação social na qual o ser adulto é ter acesso facilitado às coisas. No entanto, o sentido de crescer e ser adulto que adquire posteriormente, quando a criança vai deixando de se perceber como tal, quando vai ampliando sua consciência e apropriando-se da experiência, evidencia-se gerador de emoções contraditórias (MEAD, 1982), como na fala seguinte:

“(...) Quando eu era pequenininha eu queria crescer, agora que eu sou adolescente eu quero voltar (...) Porque é meio esquisito, a cada dia que passa você vai evoluindo... Assim, não é como era antes, era pequenininha... Agora? Você, nossa! Cresceu de um dia para o outro. Mas é bem legal” (C. 14 anos).

Dessa forma, deve ser ponderada a ideia de crescimento evidenciada na fala da jovem, que sinaliza experimentar certos sentimentos como: saudade pelo que viveu e surpresa diante a velocidade das transformações que a desafia no momento de insegurança, mediante exigências advindas do mundo dos adultos. Ao mesmo tempo, em que entrar nele permite certa independência, traz também insegurança e ocasiona a perda de um tratamento que é privilégio exclusivo de criança (JACQUES et al., 2007).

“Porque eu lembro quando meu pai me colocava dentro do carrinho era bem legal, agora peço a painho e ele diz: não” (C. 14 anos).

Sendo o significado de origem convencional, socialmente construído e relativamente estável, o sentido é construído a partir das significações sociais confrontadas com a experiência individual (BAKHTIN, 1981). Para se distinguir entre sentido e significado, se considera a dimensão emocional que junto à dimensão cognitiva e intelectual, auxiliam na compreensão do processo de constituição da consciência, através do processo de internalização (VIGOTSKY, 1998). Bakhtin (1981) elucida que a produção de sentido inclui emoções e afetos, contudo, podem ser contraditórias como evidenciado nas falas a seguir:

- O que mudou na sua vida desde que você começou a trabalhar aqui?

“Mudou tudo pra melhor. Porque assim, eu me sinto mais independente, apesar que eu não gosto, assim...independente assim... pronto, tenho a minha mãe e só porque estou trabalhando tenho que me sentir superior? Não. Mas pelo fato de poder ajudar ela, melhorou. Acho que eu cresci mais. Porque eu era, eu sou muito brincalhona, gosto muito de brincar, como qualquer adolescente... Mas também abriu mais a minha cabeça para ser mais responsável” (J. 16 anos).

“Muita coisa, porque aqui eu fiz muitas amizades, perdi mais a vergonha, eu era meia elétrica, sempre fui, mas sentia muita vergonha. Mudou muito” (C. 14 anos).

Portanto, o trabalho confere valor social, e espera-se que permita o indivíduo adquirir seriedade, obediência, e disciplina que dentre outras qualificações, serão incorporadas ao eu, a identidade do trabalhador. Dessa forma, em uma sociedade orientada por fatores produtivos, estar inserido no mundo do trabalho, representa ter uma vida adaptada aos parâmetros ditos normais (JACQUES, 1997).

Enquanto isso se compreende a identidade dos adolescentes entrevistados como sendo parte da construção deles mesmos como indivíduos, a partir das relações sociais estabelecidas por eles durante toda a vida, no modelo social no qual estão inseridos (RODRIGUES, 2005). As normas e regras de conduta que norteiam estes jovens foram e estão sendo fornecidas pelo meio social, nos diferentes contextos e instituições, tanto seja família, escola, igreja e destacando-se o ambiente de trabalho. E entende-se que a consciência destes jovens, como atividade social atrelada ao trabalho, emerge nesse processo de socialização secundária (BOURDIEU, 1983).

- Você acha que esta perdendo ou ganhado algo trabalhando aqui?

“Não, eu acho que estou ganhando experiência. Assim, porque quando o jovem trabalha abre bem a cabeça dele, não é a mesma coisa que ficar em casa desligado, sem fazer nada (...) no mundo de hoje em dia...” (J. 16 anos)

- Como assim no mundo de hoje em dia?

“Porque hoje em dia, estes adolescentes não pensam em nada só pensam em se divertir sair pra festa, não pensam em seu futuro só querem saber do seu presente e amanhã, amanhã podem estar ferrados” (J. 16 anos).

É pertinente inferir, que a representação social de adolescente no passado era, em geral, vinculada à preocupação pelo futuro e que, atualmente, há uma mudança no comportamento dos adolescentes preferindo se focar no presente (RODRIGUES, 2005). Mudança esta, que responde aos interesses próprios de certa classe social e a ideologia predominante do sistema capitalista (JACQUES et al, 2007). Percebendo-se a influência sócio-histórico-cultural.

- Se você fosse definir adolescência com uma palavra, qual seria?

“Atitude. Porque quando você esta crescendo você vai tomando noção do que é ser adolescente, vai pensando suas atitudes, vai tendo mais confiança em fazer aquilo” (C. 14 anos).

Observa-se que, ao passo, em que, o adolescente revise e critique a realidade, estará expressando aquilo que tomou da sociedade e da sua cultura. A sua visão do mundo estará

condicionada a que se perceba na comunidade onde esteja inserido e da qual se percebe como potencial transformador (BOCK, 2004).

Apesar de que Sprinthall e Collins (2003) defenderem a tese de que a adolescência se deu a partir de uma estratégia capitalista utilizada para manter o jovem afastado do mercado de trabalho formal, justificando que este deveria profissionalizar-se. Contudo, surge no Brasil em 1943 a Lei 5.452 que tem por objetivo facilitar o acesso de adolescentes a cursos de aprendizagem para sua inserção do mercado de trabalho formal.

No entanto, partindo da realidade de que esses programas atingem, quanto ao foco, à classe social de baixa renda, constata-se que a classe dominante leva a classe baixa a acreditar na ilusão de que com uma profissionalização rápida, metódica e direcionada, terão acesso a um emprego garantido que lhe proporcione segurança financeira e ascensão social (MARX, 1989).

Com base no discurso dos adolescentes, percebeu-se que a entrada precoce no mercado de trabalho formal, justifica-se pela vontade de ocupar seu tempo livre com algo que, aos seus olhares, constitui-se como útil ao futuro. No entanto, ficou evidente nas falas a busca imediata pela recompensa financeira associada à ideia de independência e melhoria da condição de vida familiar (BOCK et al, 2007).

Dessa forma, compreende-se que a construção da identidade desses adolescentes está se dando por meio de uma consciência marcada pelos valores e ideologias do sistema capitalista que regem a sociedade contemporânea, na qual estão inseridos (MEAD, 1982; BAKHTIN, 1981; BOCK, 2004; JACQUES et al, 2007). Em que em meio às peculiaridades desse sistema, emergem ideias de consumo, anseios profissionais e sonhos de uma melhor qualidade de vida. Ao passo que, existe nivelado a isso, a necessidade de manter sua própria sobrevivência, uma vez que, enquanto sujeito, encontra-se inserido na base de uma pirâmide capitalista, ou seja, na classe social mais desfavorecida (BOCK et al, 2007).

Finalmente, destaca-se a importância de evidenciar as marcas humanas nas relações de trabalho e reconhecer o mundo do trabalho, como local de sociabilização secundária e, portanto, local de construção de identidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A relação com o trabalho traz essa perspectiva da formação de identidade do adolescente trabalhador, mas deve-se considerar que está dirigido a um segmento específico da população de adolescentes: os da classe menos favorecida. Entende-se que, enquanto esses adolescentes trabalham por meio de programas de incentivos outros, inseridos numa classe social privilegiada, podem ter a oportunidade de uma profissionalização elitizada que lhes confira status social. Em face ao exposto, percebem-se as contradições do Programa Jovem Aprendiz, uma vez que, este surge como alternativa de capacitação dos jovens para ingressar

no mercado de trabalho, embora promova o fortalecimento da estratificação social e polarizando as posições na pirâmide social.

De certa forma, ingressar no mundo do trabalho através do Programa Menor Aprendiz, simboliza um ritual de passagem ao mundo dos adultos, da inatividade à produtividade, da dependência à independência, da certeza à contradição. Nesse trânsito, carregado de honores, adverte-se o ato institucional que indica ao adolescente o que ele é a partir de agora e como deve comportar-se. A repetição do ritual, validado e aceito coletivamente, reforça a formação da identidade individual, ao passo que, os inclui na categoria identitária de trabalhador, a qual agora os jovens pertencem. Contudo, não foi evidenciada a formação de uma consciência identitária como grupo de Jovens Aprendizes dentro da Instituição.

Destaca-se o valor heurístico da temática estudada, que possibilitaria tratar do sofrimento psicossocial dos jovens inseridos transitoriamente no mercado de trabalho formal, frente a uma única certeza: a finalização dos seus contratos de trabalho.

Por fim, sugere-se incentivar a produção acadêmica de pesquisas que venham colaborar com o esclarecimento da temática estudada, e promover a elaboração de projetos, para que os jovens inseridos no programa do Jovem Aprendiz possam estar se agrupando e, dessa forma, adquirir uma consciência de grupo. Ainda, despertar inquietações visando à discussão sobre seus direitos como cidadãos, como trabalhadores, que viabilizem a promoção de saúde, com o objetivo de atender as demandas que podem ser ocasionadas pelo sofrimento psicossocial.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. Marxismo e filosofia da linguagem. **São Paulo: Hucitec, 1981.**

BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da forma do ser humano: a adolescência em questão. *Cad. CEDES. Campinas*, v. 24, n. 62, p. 26-43, abr. 2004.

BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M; FURTADO, O. (Orgs). Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. **São Paulo: Cortez, 2007.**

BOURDIEU, P. Questões de sociologia. **Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.**

BUIAR, J. C.; GARCIA, N. M. D. [Lei do Jovem Aprendiz: as Séries Metódicas e suas implicações na formação técnico-profissional do trabalhador.](http://www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/terca_tema6/TerxaTema6Artigo18.pdf) In: I SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA 2008. Disponível em: www.senept.cefetmg.br/galerias/Arquivos_senept/anais/terca_tema6/TerxaTema6Artigo18.pdf

FONSECA, J. C. F. Adolescência e trabalho. **São Paulo: Summus, 2003.**

JACQUES, M. G. C. et al. Psicologia social contemporânea: livro-texto. 10.ed Petrópolis: Vozes, 2007.

MEAD, G. H. Espiritu, persona y sociedade: desde el punto de vista del conductivismo. Barcelona: Paidós, 1982.

MOSCOVICI, S. A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E. M. L.; JABLONSKY, B. Psicologia social. 23.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SPRINTHALL, N. A.; COLLINS, W. A. Psicologia do adolescente: uma abordagem desenvolvimentista. 3º ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

VIGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.